

# Kosztolányi Dezső (1885 – 1936) – Escritor e Poeta Húngaro (Parte II)

A poesia de Kosztolányi se aprofundou na década de 1930 e ele amadurecendo tornou-se um clássico. Nos seus maiores poemas aparecem os motivos da crescente consciência da crueldade da vida, do medo do desaparecimento, da proximidade da morte, mas ao mesmo tempo ele escreve sobre a beleza da vida, o louvor da dignidade humana. Os poemas realmente excelentes elevaram-no às alturas de Ady e Babits.

*QUEM MORREU HOJE*

*Aki ma meghalt*

Quem morreu hoje,  
há somente uma hora,  
é para mim tão antigo  
como Alexandre Magno ou os soldados de Xerxes.  
No seu ouvido, há silêncio,  
na boca, pó e mudez.  
Se, em quartos antigos, o lembram  
velhos amigos,  
eu, cabeça pesada, de chumbo, tento  
trazê-lo à memória.  
Mas, estranho, já não compreendo.  
Meu espanto é fingido.  
Cubro-o com a enorme, enorme  
bandeira do esquecimento,  
com rasgada indiferença, com silêncio,  
pois nunca mais nos veremos,  
e está longe,  
como Alexandre Magno ou os soldados de Xerxes.  
1927

*ALMOÇO DE OUTONO*

*Őszi reggeli*

Isto trouxe o Outono. Fruta fresca  
numa travessa de vidro. Uvas grandes,  
de um esmeralda denso, poderosas peras, em reflexos de jaspe,  
todas as suas jóias ricas e sumptuosas.  
Gota de água desliza de um jarro largo  
e rola como brilhante.  
Luxo é isso, indiferente, sereno,  
perfeição rodando sobre si mesma.  
Seria melhor viver. Mas, ao longe, acenam-me já  
as árvores em suas mãos de ouro.  
1929

*QUANDO QUARENTA. . .*

*Ha negyvenéves. . .*

Quando quarenta fizeres, uma noite,  
acordas, de súbito, e assim ficas muito tempo  
sem conseguir dormir. Olhas para o teu quarto  
na escuridão. Docemente, devaneias  
com isto e aquilo. Olhos abertos, tu jazes,  
como estarás no caixão. Há viragem,  
quando tua vida tomar novo rumo.  
Maravilhas-te de ter vivido entre  
a terra e as estrelas. Ocorrem-te coisas de nada.  
Dás-lhes voltas. Cansas-te, deixa-las cair.  
Sentas, às vezes, ruídos lá fora.  
Conheces bem cada um desses ruídos.  
Nem sequer estás triste. Só lúcido e atento.  
Quase calmo. Então, suspiras.  
Viras-te para a parede. Adormeces de novo.  
1929

Traduções de Ernesto Rodrigues